

NOVOS MODELOS ECLESIAIS UNDERGROUNDS

Flávio Lages Rodrigues¹

Resumo: A presente comunicação “Novos Modelos Eclesiais Undergrounds” analisa a Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte, onde procura pesquisar como ocorre a construção da relação entre cultura e religião com os jovens adeptos da música rock nas tribos urbanas. Essa construção relacional entre cultura e religião estabelece-se pela possibilidade de utilizar elementos culturais como o rock nas práticas religiosas na pós-modernidade. Observou o pensamento que permeia as culturas juvenis desde 1950, com o nascimento do rock, posteriormente observamos esses movimentos juvenis com seus desdobramentos de gêneros e subgêneros musicais no rock. A metodologia proposta para esse trabalho é constituída por análise da referência bibliográfica da obra de Michel Maffesoli. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. O autor aponta para um tempo onde os relacionamentos não são propostos pelo individualismo, mas pelo coletivo e pelo sentimento de estar-juntos. O pertencimento a uma tribo é a marca para os grupos juvenis, sendo uma escolha pessoal no processo de reconhecimento e na autonomia pós-moderna, que teve uma maior força com os movimentos juvenis de 1968.

Palavras-chave: Tribos urbanas; rock e juventude; religião e contemporaneidade; religião e cultura; cristianismo.

INTRODUÇÃO

Nota-se que para falar de “novos” modelos eclesiais ou de “novas” igrejas na atualidade é necessário entender algumas transformações que ocorreram ao longo dos últimos séculos e nas décadas derradeiras de nosso tempo. Várias áreas na sociedade foram afetadas pela nova maneira de pensar e agir no mundo, entre as quais a econômica, social, política, cultural e também religiosa.

A Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte, fruto dessa pesquisa se consolidou como uma igreja que se apropria dos elementos da cultura entre os quais o *rock* e também a sociabilidade dos jovens nas tribos urbanas. A composição dessa comunidade no início de suas atividades no ano de 1992 era voltada para grupos marginalizados e discriminados na sociedade, neste caso eram os jovens que estavam nas tribos urbanas *headbangers* com o *rock*. Atualmente a comunidade é bem mais eclética e tem como membros crianças, homens, mulheres, e pessoas das mais variadas idades.

Essas práticas religiosas que utilizam elementos da cultura como o *rock* quebram a rigidez da religião institucional, onde novas formas de expressão religiosa eclodem dentro da cultura. Maffesoli observa que “essa religiosidade pode caminhar lado a lado com a des-cristianização, ou com outra forma qualquer de desinstitucionalização. E, por isso mesmo, a socialidade designa, justamente, a saturação dos grandes sistemas e das demais macroestruturas.” (MAFFESOLI, 2010, p. 135).

¹ Flávio Lages Rodrigues é Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte. Também é Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas (PPGCR) e bolsista pela Capes. E-mail: flavioposttrevor@yahoo.com.br.

Nesse aspecto tanto a religião quanto a cultura, usam roupagens e elementos utilizados por outros grupos sociais e juvenis de décadas passadas para dar um novo sentido ou significado a prática religiosa. Ideologias são resgatas, posturas e elementos estéticos de alguns grupos são relançados como algo a ser seguido, ou seja, viram moda para toda a sociedade. Essas releituras abrem possibilidades para novas expressões religiosas que seriam impensadas no âmbito religioso há alguns anos atrás.

Portanto, observamos que a pós-modernidade possibilitou várias transformações sócio, política, econômica, cultura e religiosa, como também trouxe elementos totalmente novos e perspectivas não pensadas antes, com novas práticas religiosas e culturais nos grandes centros urbanos. Será que as Ciências da Religião podem contribuir para entender essas novas formas de manifestações culturais e religiosas na atualidade, e também essa nova maneira de relacionar e pertencer que o membro estabelece com a instituição religiosa?

1. COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO UMA POSSIBILIDADE PARA O ENCONTRO

Notamos que em nossos dias há uma maior abertura e liberdade para as pessoas que estão no ocidente. Isso nem sempre foi assim, todas as transformações históricas ocorreram com a sucessão de acontecimentos ou camadas históricas que estavam intimamente ligadas. A Renascença, Reforma Protestante, Iluminismo, Revolução Industrial e Capitalismo, entre outros acontecimentos que mudaram a vida das pessoas e deixam ainda hoje seus rastros, nos mostram o poder que tais acontecimentos podem causar séculos depois de seu início.

Nesse percurso histórico podemos observar que a Reforma Protestante mesmo após mais de 500 anos continua produzindo frutos no que se refere a liberdade e autonomia dos indivíduos. Tanto o *rock* em seu nascimento, como instrumento de protesto, quanto as tribos urbanas na contracultura mostram o não conformismo aos padrões culturais impostos pela sociedade. Esse inconformismo ocorre por vezes na cultura e na religião, daí os “novos modelos eclesiais *undergrounds*” emergem e apresentam uma cultura ou culturas dentro da própria cultura.

Vale ressaltar que por novos modelos não entendemos que aqui se trata de uma nova igreja ou comunidade, mas de uma forma de igreja que tem a figura do pastor, membros e estrutura bem parecida com outras igrejas evangélicas tradicionais. No entanto, ela está mais aberta a elementos da cultura e proporciona maior liberdade para seus membros expressarem suas práticas religiosas em contexto e cultura própria, como é o caso dos jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* como o *rock*.

Para Hervieu-Léger (1997, p. 31) a teoria da modernidade possibilitou a abertura de duas dimensões para esse movimento, o primeiro com a trajetória histórica da racionalização e o segundo com a afirmação do sujeito autônomo. E por isso o mundo moderno perde a unidade e o sentido que lhe era conferido com o cosmo sagrado. Essa trajetória crescente da racionalização e a autonomia do sujeito como frutos da modernidade foi o que possibilitou

novas formas com práticas religiosas, livres e espontâneas. “A sociedade política é vista como uma sociedade de crentes (de todas as nuances) e não crentes igualmente.” (TAYLOR, 2010, p.13).

A laicização e a separação entre a Igreja e o Estado apresentam a perda do poder da Igreja sobre o Estado e também sobre o indivíduo. “O próprio campo religioso torna-se um campo institucional especializado, e a religião um fragmentado da cultura.” (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 32). Essa fragmentação da religião na cultura, possibilita novas expressões religiosas, nas quais a diversidade e a pluralidade podem ser aceitas. De acordo com Amaral, o rompimento com a religião “institucional” ou “territorial” possibilitou aos seus adeptos fazerem suas próprias construções culturais e religiosas que atenda ao interesse de cada pessoa.

Esta cultura religiosa que não se mostra em um único lugar institucional ou territorial, nem se apresenta em um único templo ou ambiente cultural. Uma cultura religiosa que se constrói constantemente por meio da ação de indivíduos autônomos, às voltas com suas escolhas e combinações, por entre os diversos campos religiosos e não religiosos, como os do entretenimento e do consumo. (AMARAL, 2013, p. 295).

Neste caso percebemos a força dos indivíduos em suas construções culturais, no qual ele pode fazer suas próprias escolhas também no campo religioso. Essa autonomia do ser humano possibilita novas formas de espiritualidades alternativas e práticas religiosas mais livres e contextualizadas, no qual a instituição religiosa é que se molda às necessidades do fiel.

Dessa forma, a religião institucional foi perdendo espaço com as críticas severas as instituições religiosas, como também abriu espaço para os “Novos Movimentos Religiosos” com os movimentos estudantis e contra culturais das décadas de 1960 e 70.

No entanto, uma verdadeira reorientação teórica só aconteceu mais tarde, quando, nos anos 60-70, a pesquisa empírica impôs a evidência universal de novos surtos religiosos inesperados, tanto no seio das igrejas estabelecidas quanto sob a forma de Novos Movimentos Religiosos. O fato deste impulso religioso, oriundo do movimento estudantil e da contracultura, difundir-se amplamente em camadas sociais médias e médias-superiores totalmente integradas à cultura moderna e dispondo muitas vezes de um capital cultural elevado ou bastante elevado, contribui de modo decisivo para renovar as perspectivas sobre as relações entre religião e modernidade. (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 32).

Os movimentos acima descritos por Hervieu-Léger, entre os quais o de contracultura com os jovens que estavam na cena *underground* procuravam respostas diante de uma sociedade que vivia um período de perturbações, incertezas e caos. Nessas comunidades religiosas ocorre um relacionamento mais horizontal, com o compromisso pessoal de cada membro,

o que os tornam mais unidos no mesmo ideal. Cada membro do grupo estabelece redes de relacionamentos mútuos, no qual todos estão ligados e ajustados na mesma visão.

Verificamos que no início da Comunidade Caverna de Adulão, o *rock* foi o meio utilizado pelos pastores e jovens, como linguagem para a socialização na manifestação cultural e religiosa. Para Hervieu-Léger, a valorização da participação e o processo de construção de cada indivíduo nas práticas religiosas é o que possibilita a proximidade comunitária e afetiva.

A abertura da Comunidade Caverna de Adulão para os jovens adeptos da música *rock* que estão inseridos nas tribos urbanas, sinaliza para a riqueza das expressões religiosas e também para as novas formas de igreja na pós-modernidade. A partir da década de 1970 cultura neste caso deixa de ser obstáculo para adesão de novos membros na igreja e passa a ser aliada pela sensibilidade de seus líderes. Estes utilizam elementos da cultura que ajudam os jovens a desenvolverem sua espiritualidade com significados e linguagens próprias.

A partir de contextos e experiências religiosas com grupos marginalizados brotam respostas para problemas sociais. Os jovens passam a ser agentes de transformação com voz e vontade própria que atenda seus anseios. Maffesoli aponta para esta potência dos pequenos grupos religiosos como uma resposta para os problemas de nosso tempo.

Já se disse que os *thiases* dionisíacos do final do helenismo ou as pequenas seitas do início do cristianismo foram a base da estruturação social que se lhes seguiu. Talvez seja possível dizer a mesma coisa da multiplicação dos reagrupamentos afetivo-religiosos que caracterizam a nossa época. (MAFFESOLI, 2010, p. 142).

As bases para o relacionamento entre os jovens ocorrem justamente pelo sentimento de pertencimento e de estar juntos. A participação de todos e a sociabilidade nos grupos religiosos, de acordo com Maffesoli (2010, p. 146) aponta para o retorno das comunidades de base, ou de grupos diferenciados, nas igrejas contemporâneas, aos quais ele compara com a grande abundância e riqueza dos lençóis freáticos. Que podem exercer sua função social, apenas quando usados como partilha, ajuda mútua e solidariedade ao próximo.

A microestrutura das tribos urbanas com seus sentimentos mútuos e os pequenos grupos que se desenvolvem dentro de uma macroestrutura social sinalizam para a riqueza e força da sociabilidade, que com sua efervescência aponta para o calor afetivo na construção dos relacionamentos sociais.

Da multiplicação dos cultos privados ao acanhado tecido de pequenas células que oferecem hospitalidade aos líderes da nova religião cristã, ou aos revolucionários dos tempos modernos, as novas gerações sociais, o nascimento dos valores alternativos passa pelo que podemos chamar a lógica da rede. (MAFFESOLI, 2010, p. 149).

Para Maffesoli (2010, p. 148) a lógica da rede, ocorre pela sensação coletiva, onde os processos de atração e de repulsão se farão por escolha, que ele chamou de “sociabilidade eletiva”. Esta sociabilidade eletiva possibilita aos jovens escolherem ou não quais tribos ou grupos pertencer. Os padrões ideológicos, a postura e a estética desses pequenos grupos não eram difundidos e aceitos na sociedade. Isto fica evidente com alguns elementos estéticos que incorporaram a vida cotidiana das pessoas.

As tatuagens, os cabelos longos e coloridos, os moicanos, os *piercings*, os alargadores, as roupas pretas, as camisas de bandas de *rock*, e outros elementos que eram discriminados na sociedade, posteriormente, além de virar moda, acabaram por se transformar em ideal de juventude perseguido por toda sociedade. O que era uma identidade de determinados grupos *punks* ou *headbangers* acabou por estabelecer como moda, assim, os ideais que constituíram esses grupos se diluíram com o passar dos anos, com sua difusão na mídia e na cultura de massas.

A princípio a cultura *underground* (subterrânea, abaixo do solo) se estabeleceu em contraposição a cultura que estabelecia os padrões culturais. O *underground* é uma cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, ela existe de forma “clandestina”, subterrânea ou oculta a sociedade. Atualmente existe a internet, as redes sociais, no entanto, até o início dos anos de 1990, no Brasil o acesso a computadores e a internet era bem restrito. De acordo com Rodrigues (2007, p. 130) toda divulgação de ideologias, bandas, shows, encontros e toda a produção desses grupos era feita através de “fanzines”, que comentavam a produção de artistas em geral com seus livros, discos, poesias, literatura de protesto, teatro, dança e outras manifestações culturais.

Nesse aspecto a riqueza cultural específica era mais valorizada com a força das expressões regionais, com a ocupação do grupo em pequenos espaços geográficos. A cultura *underground* era mais forte e somente quem pertencia a esses grupos entendia como se dava sua construção interna e todos os elementos por ela produzidos. Todo o sentido da tribo de *rock* estava intimamente ligado a música e toda produção feita pelas bandas era para o consumo das tribos urbanas. A música *rock* torna-se uma estrutura social que aglutina os jovens com os mesmos ideais.

Para Brandini (2004, p. 15) “o rock das tribos é uma instituição social em que os indivíduos se reúnem em torno de uma ideia para transformá-la em estilo de vida.” Assim, as pessoas que estavam fora dessa cultura ou de determinadas tribos, tinham acesso ao que ela produzia muito tempo depois ou quando era permitido pesquisar tais manifestações desses grupos.

Esse sentimento social da tribo para os jovens ocorre de forma muito fechada e transforma-se em ritual por sua repetição que transmite segurança aos seus membros. Conforme mostra Brandini.

O rock produzido pelos membros das tribos juvenis tem início como lazer, cujo significado é a representação da vivência e dos valores que dão identidade à tribo. As práticas do cotidiano de um grupo iniciam-

te – tocar rock, participar de uma banda, compor músicas, realizar shows ou ensaiar – tornam-se verdadeiros rituais para os jovens nelas envolvidos. (BRANDINI, 2004, p. 43).

A ritualização dentro da tribo, ocorre com a necessidade dos jovens em terem seus ídolos para dar sentido individual e coletivo a cultura produzida pelo grupo. Em paralelo a igreja se manifesta no mesmo caminho da contracultura juvenil, a partir da década de 1970 e com mais intensidade nos anos de 1990. A gestação da Comunidade Caverna de Adulão tem início em 1992, quando os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas, despertaram para a necessidade de levar a mensagem do cristianismo aos roqueiros da tribo de *headbangers* em Belo Horizonte. O trabalho começou nas ruas e praças da cidade. Nesta época a cidade já era considerada a capital brasileira do *rock* pesado.

Essa preocupação é fácil de perceber, por ser Belo Horizonte, nessa época, considerada verdadeiro celeiro de bandas de estilos radicais, tais como o *Rock Progressivo*, *Rock Popular*, *Heavy Metal*, *Grind Core*, *Hard Core*, *Crossover*, *Punk Rock*, *Gótico* e *Grunge*, entre outros. (RODRIGUES, 2006, p. 130).

O olhar dos pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas para os jovens que estavam nas tribos presentes na cidade revela uma sensibilidade pelas inquietações próprias dessa faixa etária, as suas revoltas, incertezas, contestações, modo de pensar e também suas indiferenças às instituições sociais estabelecidas, inclusive a Igreja.

No entanto, o que verificamos foi que esses pastores se apropriaram da música *rock* como elemento cultural, para evangelizar os jovens que estavam nas tribos urbanas, mesmo com a discriminação de outras igrejas evangélicas tradicionais e dos jovens que estavam na cena alternativa e *underground* na capital mineira. O trabalho na comunidade inicia-se com o *rock*, este fica por um período como único elemento socializador entre os jovens na Comunidade Caverna de Adulão. Posteriormente outros elementos foram incorporados as práticas religiosas dando nova ressignificação com a abertura para outras espiritualidades alternativas.

Do mesmo modo que a cultura *underground* os novos modelos eclesiais encarnavam o movimento contra cultural no Brasil. Elementos produzidos pela cultura como, o *rock*, *rap*, *hip hop* e o *reggae*, entre outros estilos, não eram bem vistos por muitos líderes cristãos. Ainda assim, líderes de igrejas *undergrounds* como a Comunidade Caverna de Adulão, utilizaram elementos da cultura com estilos musicais diferenciados para alcançar um público jovem específico que de outra forma não estariam em igrejas com formato convencional.

A sociedade assim compreendida não se resume em uma mecânica racional qualquer. Ela vive e se organiza, no sentido estrito do termo, através dos reencontros, das situações, das experiências

nos seios dos diversos grupos a que pertence cada indivíduo. Esses grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas. (MAFFESOLI, 2010, p. 151).

Portanto, os laços sociais e as experiências individuais dos jovens, entre as quais a cultural e religiosa consolidam-se com o sentimento de pertencimento e o de estar-juntos na construção coletividade na sociedade e também na Comunidade Caverna de Adulão.

1.1. Movimentos contra culturais contemporâneos

A contra cultura advém de grupos que estão dentro de um grupo maior, de uma sociedade ou de uma nação. Com essa contracultura os grupos estabelecidos como minorias marginalizadas, não aceitam que pessoas sejam formatadas ou rotuladas. Eles combatem a cultura oficial de massa, que é uma cultura planejada pela elite com fins lucrativos de dominação e poder. A recusa à produção em massa de acordo com Brandini (2004, p. 15) é “orientada pela ‘oposição à burguesia capitalista’ e à indústria cultural, representou a resistência adotada por muitos movimentos e tribos.”

Também não aceitam o *status quo* com o prestígio ou distinção social, política, econômica, de um grupo dominante sobre toda a população. Outro fator de contestação desses grupos contra culturais é o *stablishment* (*stable*-estável, firme), cultura imposta pelos dominantes, como instrumento de opressão. Isso para o contexto Latino Americano é bem peculiar, pois, o processo de colonização dos europeus e a dominação imperialista dos Estados Unidos apontam para uma estabilidade de ambos, firmada na destruição e massacre de outros povos, culturas e também da natureza.

1.2. Crises políticas, econômicas e sociais

Para entender o pensamento desses jovens é necessário conhecer alguns dos problemas que estava acontecendo no Brasil e no mundo no Século XX. Com a primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Alemanha não aceitou sua posição de colonizadora de desertos e pântanos. Nesse bloco estavam os países europeus: Inglaterra, Bélgica, França, Alemanha e a Itália. Em menor escala estavam a Rússia e a Áustria. Fora do grupo ficaram tanto o Japão como os Estados Unidos, o Imperialismo foi a principal causa da guerra.

Na segunda Guerra Mundial (1939-1945), a briga pelo poder gera o massacre de mais de 50 milhões de pessoas, entre as quais, 6 milhões de Judeus morrem nos campos de concentração nazistas. Acabando no horror das Bombas Atômicas em *Hiroshima* e *Nagasaki* em 1945. Em ambas as Guerras, jovens procuravam resposta em meio a tanto horror, ódio e destruição de vidas, porém, nem mesmo a igreja conseguiu dar respostas a estes jovens.

No Brasil em 1920 os sambistas não alienaram seu trabalho, antes usavam o samba como contracultura. Cerca de quase 50 anos antes os negros ainda eram escravos no Brasil. Para entender esse movimento cultural dos negros através da música basta ver que em setembro de 1871, a abolição da escravatura começou a ocorrer com a Lei do Ventre Livre para crianças de menor idade e a Lei Sexagenária para idosos maiores de 60 anos. Somente em 15 de maio 1888 que a Lei Áurea foi assinada e os negros começaram a ter uma maior liberdade. O grito de liberdade dos negros no Brasil foi anterior ao dos negros dos Estados Unidos e o samba foi o instrumento cultural para tal libertação.

No contexto social dos Estados Unidos em 1940, os *Beatniks* (oprimido, espezinhado, rebaixado) eram compostos por jovens brancos de classe média universitária. Produziam através de sua revolta o *Jazz* e a Literatura, tinham filosofia do uso de drogas, com alucinógenos e foram eles que levaram essa droga aos centros urbanos. Eram contra a violência e repressão e tinham como religião o misticismo Oriental. Destruíram as bases da sociedade daquele tempo, ao quebrar toda forma de preconceito e pregaram o sexo livre.

1.3. *Rock* e manifestações juvenis

O termo *rock* e juventude, surgiram a partir de 1950. O *rock* nasceu em um contexto de opressão em que viviam os negros nos campos de algodão. Com o *Blues* como música secular e o *Gospel* como sagrada. Essa manifestação e grito por libertação acabou por criar dois gêneros musicais que resistem até os dias atuais.

O movimento *hippie* é filho do movimento dos *Beatniks*. Os *hippies* surgiram em 1960 e pregavam o slogan “*Peace and Love*” (Paz e amor). Esse movimento tomou grande proporção com a Guerra dos Estados Unidos com o Vietnã que ocorreu entre 1964 e 1975. Os *hippies* eram contrários a guerra, ao armamento bélico, aos conflitos sociais e qualquer tipo de repressão violenta.

Ainda em 1968, *hippies* americanos fazem uma grande revolução nos Estados Unidos, onde o movimento começou, que acabou se espalhando por toda a Europa. Martin Luther King, luta pela libertação dos negros nos Estados Unidos e em 04 de abril de 1968 é assassinado. Também no ano 1968 Robert Kenedy que propunha coisas maravilhosas para o povo americano como presidente, foi assassinado.

Várias manifestações se espalharam pelos Estados Unidos e pelo mundo após a mobilização dos *hippies* contrários as guerras. Jovens se mobilizaram na França em 1968, para contestar os modelos de educação. O álbum *The Wall* da banda *Pink Floyd* de 1979, ecoou mais de uma década posterior aos gritos dos jovens franceses, assim, a ebulição dos movimentos de contestação anteriores propagaram no sistema educacional na Inglaterra.

Também na década de 60 a Revolução Cubana fascinou o mundo com Che Guevara como libertador na América Latina. O Festival de música de *Woodstock* foi outro instrumento que mostrou a insatisfação dos jovens através do “*Rock and Roll*”. Essas manifestações refletiam o inconformismo com os padrões morais, sociais e culturais da sociedade no mundo

inteiro. Muitas bandas e cantores de *Rock Psicodélico/Progressivo* surgiram em meio às transformações dos anos 60, entre elas: *Pink Floyd*, David Bowie, *Gênesis*, *The Who*, *The Rolling Stones* e Bob Dylan que fazia letras de protesto que eram inspiração para os jovens brancos britânicos vinda do *blues*, música dos negros americanos como John Lee Hooker que era um desses artistas.

Os jovens contestavam e estavam inconformados, pois, ouviam um discurso moral para conduta com a vida e o próximo, entretanto a prática de quem vinha esse discurso era imoral. Os poderes se corromperam em todas as áreas: sócio, político, econômico, cultural e até religioso. A igreja como portadora de respostas aos anseios humanos e suas crises existenciais, também havia se calado e em muitos casos se aliado aos poderes estabelecidos, deixando de exercer seu papel transformador da sociedade e do mundo.

Em 1970 surgiu outro movimento social, agora é a vez dos *punks*. Após o descontentamento dos *hippies* com toda a estrutura social os *punks* nascem com a música *Punk Rock* e com o ideal “*No Future*” (Sem Futuro), com o discurso niilista (não crê em nada). Tudo isso ocorrendo com o Pós Vietnã. Nessa mesma época surgem bandas de *rock* muito pesadas para a época como *Black Sabbath*, *Deep Purple*, *Led Zeppelin* e *Judas Priest*.

Para a década de 1980, os estilos que fervilhavam para os jovens como o *Hard Rock*, *Heavy Metal* e o *Pós Punk*, apontavam para um caminho e apelo pela explosão de sensualidade. Ainda nessa década iniciava as Tribos Urbanas ou tribalizações dos movimentos juvenis. No final dos anos 80 nasce o estilo *Thrash Metal* (Metal Sujo), este estilo combinava *Heavy Metal* com mais velocidade e como exemplo podemos ver a banda *Metallica*.

Emissoras de rádio e televisão, com programas especializados em música alternativa e *underground*, começaram a surgir entre eles a MTV, que nasceu em 1981, com *clips*, entrevistas de bandas e informações voltadas para o público juvenil. A Rádio Terra em Belo Horizonte é outro exemplo na década de 80, que tinha em sua grade um programa especializado para os jovens e tribos urbanas que ouviam *rock*. Ainda em Belo Horizonte a antiga TV Minas, hoje Rede Minas, dava seus primeiros passos na contribuição com a produção *underground*, que se consolidou nos anos 90 com o Programa Alto Falante, que divulgava tanto bandas nacionais, quanto bandas internacionais em seus programas.

Muitas bandas de *Heavy Metal* surgiram nessa época entre elas: *Poison*, *Monthey Crue*, *Iron Maiden* e outras se afirmaram ainda mais com seu público como o próprio *Black Sabbath* e o *Led Zeppelin*.

Já em 1990, surgiram fusões de estilos e nasceu o *Crossover* (algo que se mistura, junção de dois ou mais estilos musicais). Com esse campo fértil para a mistura nasce o “*rock alternativo*”, sem nenhuma pretensão de mudar o mundo, os *Grunge*s (sujeira, imundície) usavam o slogan “*I don’t care*” (eu não me importo).

Outros estilos nasceram na década de 90, como o *Death Metal* (Metal Morte) e o *Black Metal* (Metal Negro) entre outros. No Brasil como movimento contra cultural em Recife nasce o *Manguebeat* (batida do mangue) que mistura ritmos regionais como o maracatu, o

hip hop, funk, rock e música eletrônica. Chico Science foi o precursor do *Manguebeat* e esse movimento foi contemporâneo ao *Grunge* que ocorria em Seattle nos Estados Unidos.

A fusão de ritmos, de ideias, e a efervescência que ocorreram a partir dos anos 90, demonstram que a cultura alternativa acabou por quebrar o radicalismo que havia entre os jovens envolvidos na cena *underground* com o *rock* e as tribos urbanas.

O movimento alternativo abre também possibilidades para a manifestação cultural mais ampla e dinâmica, o que dá mais força para as igrejas que se apropriam de elementos culturais como o *rock* em suas práticas religiosas. A Comunidade Caverna de Adulão faz isso de forma bem peculiar e as Ciências da Religião pode contribuir com seu caráter interdisciplinar no diálogo com outras áreas de conhecimento na compreensão da manifestação religiosa.

CONCLUSÃO

O que verificamos com essa comunicação foi que as tribalizações proposta por Mafesoli (2010) com o sentimento de pertencimento, de estar juntos e no prazer de partilhar os mesmos gostos e emoções podem ser observados na Comunidade Caverna de Adulão. Isso ocorreu com o *rock* como elemento de socialização no início da comunidade, que chegou a contar com mais de 20 bandas de *rock* pesado de estilos musicais variados nos evangelismos. Hoje na comunidade outros meios de socialização entraram em seu lugar, como os projetos sociais Reconstruir, Cupim Sagrado e Lamalma.

As Ciências da Religião em interface com a antropologia e a sociologia têm muito a dizer na construção da relação religião e cultura na Comunidade Caverna de Adulão. Num primeiro momento por ser uma pesquisa que não visa fazer juízo de valor quanto às práticas religiosas e também por não ser de caráter apologético. Em segundo lugar por estabelecer um olhar de fora do grupo estudado para entender qual é o pensamento desses jovens na atualidade e como ocorreram as transformações políticas, sociais, econômicas, culturais e também religiosas.

Portanto, as Ciências da Religião têm muito a contribuir na reflexão sobre a relação entre a cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão. Analisando como ocorre a socialização, o pertencimento e relação desses jovens na manifestação cultural com a instituição religiosa. Isso a partir da observação do fenômeno religioso que emerge com os jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* da Comunidade Caverna de Adulão.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. A história das religiões. In: USARKI, Frank, (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

AMARAL, Leila. Cultura religiosa errante – O que o Censo de 2010 pode nos dizer além dos dados. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Religiões em movimento*. O Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 295-310.

BRANDINI, Valéria. *Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil*. São Paulo: Olho D'água, 2004.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Daniëlle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *Religião & Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 31-47, 1997.

RODRIGUES, Flávio Lages. *A Liberdade do Espírito na vida e no rock*. Rio de Janeiro: MK, 2007.

_____. *Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: MK, 2018.

_____. *O rock na evangelização*. Rio de Janeiro: MK, 2006.

MACHADO, Maria das Dores Campos. História das Ciências Sociais da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo/Paulinas, 2013.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.

NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. In: USARKI, Frank, (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

SCHMIDT, Bettina E. A antropologia da religião. In: USARKI, Frank, (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010. p. 13-37.